

Legado e Herança das agências de notícias para o jornalismo na web^{*}

José Afonso da Silva Junior^{**}

Resumo:

Este artigo aborda, de modo comparativo, a definição das características operacionais formadas no percurso histórico das agências de notícias e como esse quadro pode gerar práticas sincronizadas entre as esferas do jornalismo e da tecnologia, desdobrando-se, por exemplo, para o jornalismo na web. Em um segundo momento, buscamos indicar algumas tendências de investigação do problema presentes nas correntes teóricas atuais. Após identificadas essas características procuramos indicar a permanência e o balanceamento do conjunto de atividades das agências com a gama de possibilidades permitidas por redes tecnológicas de informação mais flexíveis, abertas e participativas como a internet. Por fim, indicamos possibilidades de continuidades, potencializações e rupturas presentes nesse percurso histórico e tecnológico, bem como a importância e desdobramento para o campo do jornalismo em redes digitais.

Palavras-Chave: Agências de notícias, jornalismo, internet.

Abstract:

This article addresses, in a comparison method, the definition of the operational characteristics developed in the historic journey of wire services and how this scene can generate synchronized practices between the ambit of journalism and technology, resulting, for example, onto the web journalism. In a second time, we try to point some tendencies of research about the problem presented in the current theoretical. After having identified these characteristics, we try to indicate the permanence and the balancing of all the activities of agencies with the range of possibilities provided by technological networks of information more flexible, open and participatory, as the Internet. Finally, we give scope for continuities, potentiations and breaks presented on this historical and technological journey, as well as the importance and consequences to the area of the journalism in digital networks.

Keywords: News agencies, journalism, internet.

^{*} Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho "Estudos de Jornalismo", do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007. Inédito em publicação.

^{**} Professor Doutor PPGCOM-UFPE. zeafonsojr@gmail.com

1. Apresentação

É ponto pacífico no universo de discussões sobre o jornalismo que as redes de comunicação em tempos de ciberespaço deflagram novas possibilidades de práticas e arranjos, marcadas de modo inédito, pela presença de uma conectividade e acesso à informação de modo generalizado através de uma miríade de dispositivos tecnológicos que gravitam na realidade contemporânea.

Passada a primeira década de estudos sobre o jornalismo na web percebe-se que a localização empírica dos problemas se situa em uma delimitação que, de certo modo, condiciona as abordagens dos problemas elencados para a análise. Ao se mencionar essa delimitação, está se posicionando os condicionantes estabelecidos em uma síntese entre as duas esferas diretamente envolvidas no problema, o jornalismo e a web. A tendência preponderante nessa primeira década de pesquisas foi estabelecer uma aproximação dessas duas esferas (PALACIOS, 2004). Deste modo, o esforço visava mapear um volume de características e possíveis desdobramentos presentes na atualização de uma prática profissional consolidada e reconhecida socialmente, no caso, o jornalismo.

As tendências que podem ser observadas parecem nitidamente inspiradas por um movimento de abordar os diversos problemas da natureza do jornalismo no momento em que ele adentra ao novo ambiente tecnológico e social condicionado pela digitalização e dos processos de fluxos de informação em redes digitais.

No entanto, para perceber de modo mais profundo as disposições colocadas nos problemas que envolvem o jornalismo na web, podem-se buscar referenciais históricos de práticas de jornalismo em redes tecnológicas. Deste modo, recuperar aspectos de operação das agências de notícias fornece elementos de contraste que podem colaborar para elucidar questões em voga no jornalismo na web. A importância das agências pode ser percebida durante toda a sua história através da ação de circular notícias. É um cenário que remonta ao século XIX, quando o interesse dado pela expansão dos mercados, do público leitor, e a potencialidade de uma rede de comunicação, o telégrafo, reúnem condições de emergência das agências na intermediação de notícias e informações (BOYD-BARRET, 1980; READ, 1992; FENBY, 1986).

É, portanto, um fenômeno de comunicação, intimamente vinculado ao jornalismo e atrelado a uma lógica operacional em redes. Isso suscita algumas constatações. A primeira delas é uma lacuna de abordagens que atualize problemas ocorridos nesse percurso histórico das agências de modo a alimentar a discussão do jornalismo na web.

Ao nos voltarmos para o quadro inicialmente demarcado pelas agências de notícias 150 anos atrás, apelamos de certa forma nesse texto, menos por fazer uma abordagem histórica e linear (até pelos limites de espaço impostos para este texto) tentar entender a configuração das agências como um momento inicial de uma linhagem do fazer jornalístico em redes tecnológicas que remonta ao telégrafo e vai até as redes digitais. Até mesmo pelo fato que ao observarmos de modo linear o desenvolvimento dessa hereditariedade, pode-se constatar menos uma sucessão e superação abrupta do velho pelo novo, do que uma sucessão complexa de assimilações, rejeições e hibridizações (FIDLER, 1998; BOLTER & GRUSIN, 2000) entre patamares tecnológicos recombinantes.

Ao colocarmos lado a lado os modelos das agências de notícias e do jornalismo na web, separados por mais de um século, eles podem parecer nitidamente conflitantes. No entanto, podem-se perceber elementos presentes nessas duas realidades que não as tornam irreconciliáveis sob o prisma de uma linhagem de operação do fazer notícias em redes tecnológicas.

2. Algumas tendências de investigação

Na operação dessa síntese entre jornalismo e tecnologia, a vertente adotada parece-nos dialética, ou seja, na percepção das alterações e remetimentos entre duas categorias envolvidas: o jornalismo e a tecnologia. Nessa delimitação, podemos classificar três grandes tendências presentes no estudo do jornalismo na web que condicionaram de modo relevante as primeiras pesquisas.

A primeira tendência que podemos reunir de modo homogêneo está situada em torno de abordagens comparativas estabelecidas entre o jornalismo na web e práticas pré-internet, como por exemplo, o impresso. Esses estudos situam-se, de modo geral, na análise de um momento de passagem entre um modo de produção

situados em modelos de base industrial ao passo que sofria os primeiros condicionamentos das tecnologias de redes digitais.

Observando essa primeira tendência, o que temos é que, ao invés do momento atual ser apenas uma passagem entre-tempos tecnológicos, a organização em redes digitais reflete um condicionamento permanente das dinâmicas dos jornais na web. Há uma interação de elementos surgidos no modelo histórico, como a sociedade industrial, a mecanização, e o consumo de massas, com uma coabitação com outros ambientes tecnológicos.

A intersecção criada entre o prolongamento do antigo e a assimilação do novo reconfigura constantemente o modo de gestão de práticas de trabalho e circulação dos fluxos das notícias, bem como dos modelos de produção. Em que pese as diferenças entre contextos, o que se ilustra nesse cenário, é a existência de sobreposições tecnológicas que se hibridizam (FIDLER, 1998), procurando localizar espaços de conciliação que mantenham os fluxos de informação e, de certo modo, uma permanência combinada entre processos tecnológicos de bases diferenciadas.

A segunda tendência a ser indicada, diz respeito aos problemas que emergem a partir do surgimento de práticas singulares de produção, distribuição e consumo de informação jornalística que, por sua vez, são dadas graças ao novo patamar tecnológico. São configurações que devido a estarem situadas em um ambiente de redes digitais incorporam técnicas da própria lógica informacional, que em pouco ou nada se assemelham a modelos remanescentes.

Procurando explicitar esses fenômenos, podem-se indicar os processos interativos, hipertextuais, multimidiáticos, dados nas formatações do jornalismo na web (MIELNICZUK, 2003; PALACIOS, 2002; PAVLIK, 2001; SILVA JR. 2000). Em adição, fenômenos como o blog-jornalismo, o jornalismo participativo e os centros de mídia independente são claramente emanções de qualidades de conformação de um jornalismo em sincronia com a arquitetura de redes pulverizada e em função do alargamento das possibilidades de acesso, de produção e consumo da notícia.

Evidentemente que esse cenário não pode ser generalizado de modo universal. A existência de inevitáveis cenários de discrepância tecnológica impõe uma variação na qualidade, na quantidade e diversificação dos que é oferecido, refletindo no processo de coleta de notícias e favorecendo os locais onde as infra-estruturas oferecem um melhor aparelhamento (LIVINGSTONE & LIEVROUW, 2003).

No entanto, mesmo em um cenário de diferenças entre o parque tecnológico disponível, a emergência de modos de geração e circulação de notícias consolida não somente a diversidade de informações, mas a proliferação de novos epicentros informativos e de fontes. Para esse último caso, são prototípicos os exemplos recentes das fotografias de presos torturados nas prisões iraquianas e o recente caso de vazamento de imagens da execução de Saddam Hussein.

A crescente diversidade de alternativas de produção de conteúdo geradas a partir da disponibilidade de tecnologias de fácil uso e integradas a redes de dados contribui para a formação de uma terceira tendência de problemas a serem visitados. Neste caso, situam-se os questionamentos sobre a manutenção ou não de categorias cristalizadas na prática jornalística diante desse novo patamar. Em outras palavras, se as práticas recentemente emergidas mantêm ou rompem o contrato que existe entre sociedade e jornalismo de modo que possa garantir para esse último a continuidade de sua identificação enquanto atividade reconhecível, regular e aceita nas sociedades complexas.

Questionamentos sobre a objetividade, a imparcialidade, os valores-notícia, a factualidade e a universalidade dos temas, só para ficar nesses exemplos, são pontos recorrentes nessa tendência, espécie de tentativa de por em cheque problemas clássicos do jornalismo pelo fato de o mesmo estar imerso em um ambiente tecnológico que propicia essa natureza de dúvida. Sem querer detalhar esses aspectos (pois não são o problema central aqui abordado), o que temos, de modo geral, são discussões orientadas pela lógica do impacto de um novo campo tecnológico sobre um conjunto de práticas.

Ao invés de apostar em um conjunto de dispositivos causadores de rupturas, idéia vizinha e familiar à idéia de impacto (LEVY, 1997), poderia ser dada mais atenção a um campo de desenvolvimentos tecnológicos anteriores ao momento citado e a sua importância na consolidação de algumas características presentes no jornalismo na web.

O campo de possibilidades inaugurado pela informática é justamente sedutor por fundir em um conjunto de dispositivos compatíveis entre si tanto a comunhão de um código comum, o digital, como a relativa inter-independência desses mesmos aparatos. Um cenário que, por vezes, é dependentes de estruturas de redes e processamento complexas, mescladas com a autonomia, interoperabilidade

operacional e capacidade de dialogar com outras máquinas. Ocorre uma conciliação entre poder produzir e transportar códigos, notícias e informações. Um dos resultados possíveis desse horizonte mais amplo é a possibilidade de coexistência e hibridização de uma genética complexa formada por bits, redes de dados, computadores e dispositivos moveis, que, por exemplo, permitem o rearranjo e justaposição de textos escritos ou falados, imagens estáticas, em movimento ou miscigenadas como infográficos, sons e mapas.

Tudo isso e mais muita coisa converge numa resultante de possibilidades que, para o jornalismo, ao mesmo tempo propõe a atualização de problemas e questões, como vimos na abordagem das três tendências. Mas também negligenciam aspectos existentes em modelos historicamente consolidados em modo de rede.

3. As agências de notícias e o espólio das notícias em rede

Evidentemente, para quem conhece a história das agências, pode-se perceber um posicionamento historicamente estabelecido em relação ao uso de redes. Cabe aqui, no entanto, um momento de indicar ressalvas. A importância das agências pode ser percebida durante toda a sua história através da ação de circular notícias. Ao especificarmos mais o campo de atuação das agências percebemos que a importância de estudar a vinculação destes organismos como modelo que interage com o jornalismo se deve a três razões:

- a) Estarem interagindo com a produção de notícias para o jornalismo há, pelo menos, 160 anos;
- b) Historicamente, a sua estruturação como modelos de negócios e geração de notícias se deu em rede;
- c) Fornecem grandes parcelas de conteúdos que circulam nos jornais, sites de notícias e agentes do mercado.

O maior detalhamento do ambiente de operação das agências, suscita a presença de algumas características que, de modo invariante, permeiam as práticas das agências no correr do seu percurso histórico. Brevemente, a essas características se dão em torno de alguns aspectos:

- a) Potencialização de distribuição de um mesmo núcleo de conteúdos em plataformas, modalidades e dispositivos distintos de acesso à informação;
- b) A busca de uma velocidade operacional;
- c) A elaboração de serviços destinados a uma circulação diferenciada, que não contemplavam somente o jornalismo;
- d) desenvolvimento de soluções que permitam uma produção descentralizada de conteúdos e serviços, de modo a integrar, otimizar e obter retornos diretos em função de uma operação crescentemente complexa.

Relativamente ao primeiro aspecto, como é citado por diversos autores (BOYD-BARRETT, 1980, p.113,153; ERBOLATO, 2002, p.201; FENBY, 1986, p.23; READ, 1992, p.9,16), a origem comum das principais agências de notícias apresentam um cenário similar, herdando a natureza de serviço, atuando na coleta direcionada a fornecer informações, principalmente, a órgãos do horizonte comercial, financeiro e governamental do que propriamente um serviço de notícias para jornais. O setor da imprensa só foi contemplado após alguns anos de operação das principais agências, em fins da década de 50 do século XIX. Com isso, temos dado um aspecto semelhante pelo qual passa a cultura contemporânea, permeada por dispositivos digitais.

Guardando as devidas proporções e contextos históricos, no primeiro momento de surgimento das agências o mundo estava imerso em um conjunto de mudanças e condicionamentos desdobrados direta ou indiretamente pela revolução industrial. De modo análogo ao que temos hoje, questionamentos e modificações eram perceptíveis nas rotinas de trabalho e, sobretudo, nos fluxos de informação.

Naquela época, os condicionantes podem ser percebidos como sendo, de modo geral, posicionados a reboque dos processos deflagrados pela revolução industrial. Esta, segundo Ellul (1968, p.37-44), caracteriza-se pela estabilização do sistema técnico, onde ocorre mais notadamente uma aceleração no ritmo das inovações da eficiência produtiva. Nesse cenário, acontece a combinação das inovações tecnológicas de produção, somadas à formação de arranjos sociais particulares em torno da industrialização progressiva.

As lições que se podem transportar desse cenário para o contexto dos jornais na web são diversas, sobretudo quando observamos alguns impasses diante do potencial tecnológico das redes digitais. A primeira delas, que nos parece ser a

mais nítida, é a estabilização de processos produtivos em torno das tecnologias de informação (CASTELLS, 1999), no que o jornalismo não é exceção. Do mesmo modo, a combinação de arranjos produtivos, permite, por sua vez, tanto a configuração de novos modelos de conteúdo, como também o direcionamento a segmentos específicos de audiência que, novamente, se processam de modo diferenciado, sendo não mais massiva e uniformizada, e sim assíncrona e polimórfica.

No que toca à esse horizonte de recombinações e recuperações de processos, o momento atual apresenta algumas semelhanças no que toca aos impactos sociais. Aproximando do caso das agências, está-se colocando o problema em um eixo de organizações transnacionais (as próprias agências) vinculado a produção e circulação de notícias sincronizada com o contrato social mais amplo estabelecido com a informação digital.

Como exemplo e ilustração desse enlace pode-se fazer o seguinte paralelo: se no século XIX, as agências de notícias tiravam vantagem justamente da consolidação dos estados nação como forma de criar fluxos de informação que poderiam ser úteis aos interesses econômicos e políticos em voga; analogamente, um século e meio depois, quando esse modelo de estado se apresenta em crise, é novamente o fluxo de dados, agora em redes digitais, que permite a flexibilização de processos produtivos e noticiosos, tirando proveito de contextos desregulamentados que permitem o livre trânsito de diferentes modalidades de informação, inclusive notícias.

4. Desdobramentos do modelo das agências sobre os jornais na web.

Detendo a observação mais no aspecto operacional, as características específicas e de certo modo invariantes das agências propõem, ainda no século XIX, uma série de parâmetros de estabilização do seu modelo de negócios.

Em primeiro lugar, a própria dissociação de conteúdos de plataformas fixas, como o impresso, por exemplo, é uma lição assimilada pelo jornalismo na web, ao percebermos como estratégia consolidada as possibilidades de reempacotamento e multiempacotamento de conteúdo em diversas modalidades de consumo.

Saad (2003, p.110) trabalha o conceito de elasticidade de conteúdo. Neste, o valor do conteúdo é determinado mais pelo contexto do que pelo mérito em si. Na composição do contexto, existiriam outras variáveis, como tempo, lugar, infraestrutura tecnológica, audiência, conteúdos complementares, bem como a sua vinculação de acordo ao foco da publicação ou linha editorial do órgão. Atualmente entre a elasticidade de conteúdo e os jornais na web, teríamos duas hipóteses. Na primeira, haveria a possibilidade de uma reutilização de uma informação previamente existente, um do "reempacotamento" de conteúdo em diferentes circunstâncias editoriais.

A segunda hipótese é o múltiplo endereçamento do material. Há, portanto, na elasticidade, uma ação que procura sua otimização enquanto unidade de negócio. Ocorre, para exemplificar a questão, não somente um reempacotamento, mas também um "multi-empacotamento".

Se essa lição foi aprendida na *práxis* diária da web e não pela retomada histórica dos percursos das agências é uma resultante que não tira a importância da existência de modelos análogos de distribuição de informação em redes analógicas. O que pode ser indicado como uma tendência consolidada é a maximização do corpo produtivo (as redações dos jornais) e das unidades produzidas (os conteúdos, as notícias) de acordo com uma possibilidade ofertada pela lógica de operação em rede.

A segunda observação cabível sobre o contexto operacional das agências é sobre a velocidade operacional. Durante todo o percurso histórico das agências, entregar informação de modo mais rápido era não somente uma característica, mas também uma necessidade dada pela crescente interdependência dos epicentros informativos envolvidos. A alimentação dos despachos, várias vezes ao dia, disponibilizando material numa escala contínua e sucessiva, insere os boletins em uma rede sincronizada com o fechamento diário dos jornais. Trata-se, portanto, de um contrato estabelecido não somente entre agências e jornais, mas também entre os agentes do mercado, papel esse que continua sendo exercido até hoje:

O segredo financeiro de uma agência como a Reuters é vender a mesma notícia em diferentes formas porque se ganha diferentes dinheiros a partir da mesma informação. [...] Eu vendo em tempo real para o mercado financeiro, aí no fim da tarde eu entrego pra mídia e vendo pros jornais, aí

eu vendo a mesma notícia em vídeo para as TVs. A mesma notícia em imagens para as fotos. A minha principal missão é reportar. Ser o mais rápido possível nessa entrega de notícias para o mercado financeiroⁱ.

Nesse sentido, a velocidade nos jornais é nitidamente um potencial utilizado sem um foco específico. Ao pensar na corrida para publicar, temos em mente um problema clássico do jornalismo. Como aborda Franciscato, (2005), o jornal constrói um tipo específico de experiência social do tempo presente e conhecimento do mundo. As agências se encaixam nesse sistema através da alimentação contínua de informações e, conseqüentemente, por fornecer um tipo de material que atua no reforço da atualidade.

O que parece estar ainda não superado pelos jornais no que toca à velocidade operacional é o fato que há limites no alcance do jornal ou do jornalista (limites de alcance geográfico, por exemplo, ou de disponibilidade de infra-estruturas capazes de acelerar o fluxo de trabalho e produção, ou ainda de deficiências de capacitação profissional de operar nesse cenário) em obter informações. Neste caso, o sentido de atualidade a ser fornecido por órgãos suplementares, como as agências, configura-se numa realidade quase inescapável.

As agências de notícias são justamente um dos modelos que criam o binômio da informação disponível e serviço prestado dentro da cadeia de atualidade exigida pelo jornalismo para o alcance de notícias que estejam além da capacidade de obtenção de um órgão específico.

Trata-se, portanto, de uma dicotomia na qual, ao menos para parcelas do conteúdo disponibilizado pelos jornais na web (notícias internacionais, informes econômicos, etc.) o limite da velocidade operacional dos jornais em sincronizar e reduzir o tempo dos eventos ao tempo da publicização dos informes é condicionado pela velocidade das agências no repasse dos serviços.

A terceira observação diz respeito à criação de serviços destinados a uma circulação diferenciada e específica. No cenário de operações das agências de notícias, os serviços são o cerne das atividades e para o qual convergem as outras características operacionais. É a formatação dos mesmos que designa a geração de conteúdos, o estabelecimento de velocidades operacionais maiores ou não e a consolidação da produção descentralizada, que ocorre em diversos epicentros informativos.

Na realidade das agências, a existência de serviços cada vez mais complexos e específicos visa adequar o próprio campo tecnológico e operacional das agências com as demandas diversificadas às quais atendem. Esse conjunto de atividades requer, por vezes, dispositivos tecnológicos de redes diferenciados para promover uma circulação que contemple outros agentes do mercado que não somente os jornais.

A lição deixada por uma atividade centrada na elaboração de serviços, parece ter sido assimilada de modo apenas parcial. Primeiro, por na maioria dos casos, os serviços ancorados nos jornais na web não possuem estratégias diferenciadas de entrega do conteúdo no que toca a temporalidade (serem mais ágeis para determinados assinantes, por exemplo); nos dispositivos utilizados para acessar a informação (geralmente são configurados como as outras páginas do site) e por terem uma diversificação bem mais estreita que a das agências. As perdas de oportunidade derivam da subutilização dos recursos de classificação e endereçamento de conteúdo diante de um horizonte de leitores na internet progressivamente mais amplo e diversificado.

A quarta e última observação diz respeito à produção descentralizada de conteúdo. Ao oferecer serviços regulares e periódicos, as agências de notícias estabelecem um contrato em torno da amplitude de cobertura em centros de notícias diferenciados. A separação do processo produtivo, em estratégias descentralizadas, ocorre pela pulverização dos locais de apuração e geração de material, normalmente em torno de epicentros informativos. A reintegração ocorre pela consolidação e tratamento dessas informações através das telecomunicações que assumem a ligação necessária entre as dinâmicas de apuração, tratamento e consumo.

Para os jornais na web, os desdobramentos dessa característica operacional são mais sensíveis. O limite existente, no entanto, pronuncia-se pelo fato de apesar de existirem modelos de produção de conteúdo de modo descentralizado, isso não vai implicar necessariamente em um fim da hierarquização.

Por sua vez, Machado (2003, p.87) indica que a flexibilização da tecnologia digital permite a criação de sistemas descentralizados, adaptados à demanda dos usuários, como também aumenta a produtividade da empresa jornalística. Contudo, como o próprio autor critica, a flexibilização e aplicação de alternativas digitais

raramente altera, no jornalismo, o modelo de produção centralizada devido à sua aplicação ocorrer na mesma lógica de verticalização, que caracteriza o jornalismo historicamente.

As oportunidades negligenciadas nesse caso advêm justamente da restrição de autonomia existente nos modelos de gestão e na cultura empresarial dos jornais na web, desprezando um potencial existente nos dispositivos e na infra-estrutura tecnológica. A hipótese é que essa superação não se dá justamente pelo fato de que, apesar de estar disponível um conjunto de dispositivos capazes de conectar epicentros informativos dispersos e com uma extensão de audiência situados em lógicas pulverizadas, a operação dos jornais na web mimetiza a atividade dos jornais impressos, de onde partiram como modelo cognitivo de trabalho.

Considerando-se o processo histórico das práticas das agências, suscitam-se ainda dois pontos de extrema importância para a percepção da consolidação de modelos de operação em redes: a necessidade de um modelo de financiamento, e de modos de circulação diferenciados.

Ao se observar os processos de constituição das agências, ainda no século XIX, verifica-se (BOYD-BARRET, 1980; READ, 1992; FENBY, 1986) que a própria elaboração e oferta de um determinado serviço estava condicionada a fatores diversos. A possibilidade de assimilação dos informes, a sua capacidade de atingir parcelas de clientes potenciais (no caso, os bancos e agentes no mercado financeiro) e, sobretudo, a capacidade desse serviço ser cobrado e estabelecer retornos para a operação das agências como um todo. O que isso suscita, numa primeira instância, é que as agências desde sempre, modelaram seus serviços em função de uma rede que proporcionasse a elas um modelo que permitisse, por um lado, a continuidade na alimentação de notícias, e por outro, que esse esforço propiciasse a sustentação do sistema enquanto modelo de negócio (SILVA JR, 2006).

O importante ao se observar esse quadro, remetendo o problema para a atualidade, é a percepção que a presença de uma operação jornalística em rede não prescinde de uma elaboração de um modelo de financiamento claramente definido. Por vezes, observamos jornais na web com políticas de acesso ao conteúdo que ainda tateiam nesse sentido, estabelecendo-se em um híbrido não muito bem definido entre publicidade, prestação de serviço de provimento de

acesso a rede atrelado ao acesso de conteúdo, e níveis de acesso à conteúdos que por vezes não são exclusivos das versões web.

O aspecto do financiamento era e é para as agências, mais especificamente as comerciais, um fator mais claramente monitorado, através da sua própria rede de assinantes dos serviços. Por trabalharem em uma rede mais fechada e exclusiva que a internet, era possível e mais fácil mapear o horizonte de fluxo dos seus informes do que, comparativamente o é para os jornais na web com suas notícias. No entanto, isso não tira a importância, mesmo com a dessemelhança entre os modelos de rede envolvidos na comparação, dos jornais na web desenvolverem modos sustentáveis para suas operações.

Ao pensar o modelo de financiamento está se remetendo diretamente a reflexão sobre o modelo de circulação da informação. Machado (2006) estabelece um viés diferenciador entre circulação e distribuição. Esta última estaria mais vinculada ao modelo do impresso, onde a preocupação para a existência plena da notícia está atrelada a uma entrega efetiva e ao consumo junto ao público leitor (PARK, 1925). A circulação, por sua vez, estaria atrelada a uma noção na qual a informação é produzida entre cadeias múltiplas, que levam em conta o caráter operatório da tecnologia e os atores envolvidos. Trata-se de uma dicotomia entre uma lógica radial (a distribuição), onde a notícia está vinculada a um centro de emanção, e uma lógica circular, pois o recorte noticioso se estabelece a partir de trocas entre os epicentros informativos e alternativas diversas de alimentação do sistema.

Nesse sentido, haveriam sistemas estáticos e dinâmicos (MACHADO, 2006). Nos estáticos a iniciativa de busca da informação seria do leitor, que busca se informar indo a um determinado jornal na web, ou na banca de jornais mais próxima, por exemplo. Nos dinâmicos, a notícia chegaria até ele através de sistemas de entrega, como o e-mail, o RSS, etc.

Ao observarmos o quadro das agências, vemos que historicamente, as iniciativas de entrega de informação se orientam sob o viés dos sistemas dinâmicos, fornecendo constantemente boletins aos assinantes e, através de serviços baseados em tecnologia digital, estimular os assinantes a colocarem dados relativos às suas operações. Desse modo, se alimentavam circuitos de informação, como por exemplo, o Reuters Monitor, que operou desde 1973 (READ, 1992), com dados primários que seriam depois tratados e transformados em notícia, voltando

novamente a ser circulado na rede e retroalimentando o sistema. Este é um exemplo de configuração que estimula a participação e o estabelecimento de uma circulação de notícias, o que potencialmente desdobra-se na geração de dinâmicas menos centralizadas de produção.

Ao observarmos esse exemplo, percebemos que os jornais na web adotam estratégias variáveis no sentido de estabelecer circulação de conteúdo em modelos mais dinâmicos. Este aspecto tem reconfigurado o perfil dos jornais na web, no sentido que migra a penetração dos conteúdos de uma lógica distributiva, para outra onde tenta estabelecer uma congregação mais ativa entre leitores ou usuários e o corpo produtivo do jornal.

5. Conclusões

Todas as quatro características aqui trabalhadas e os dois modelos acima explorados estão manifestados no percurso histórico das agências de notícias. Evidentemente, elas sofrem alterações de acordo com a própria mutabilidade do cenário tecnológico e social nos quais as agências estão diretamente inseridas. É claro que a relativização de maior importância a se fazer ao se estabelecer parâmetros comparativos entre modelos de redes distintos que tem como ponto em comum a circulação de informações de caráter jornalístico, mas que se separam por mais de um século em seus momentos de consolidação no campo das sociedades complexas é, justamente, quanto aos níveis muito mais sofisticados que a internet pode proporcionar no fluxo de dados em comparação com as redes analógicas.

Não se pode dizer, ao menos de modo figurado, e mesmo assim com responsabilidade teórica, que houve uma "internet vitoriana", se este termo significa uma infra-estrutura de troca de informações que disponibilizava uma grande quantidade de informações, a custo baixo ou zero, para pessoas separadas por grandes distâncias. A comunicação telegráfica era limitada, em termos de capacidade de transmissão, de custo e alcance. Aspectos estes nitidamente superados em contextos atuais, se comparadas com as redes de telégrafo.

Procuramos nesse artigo preencher uma lacuna na análise de características presentes nos modelos de produção de notícias em redes tecnológicas, na maioria das vezes inspirados a partir do momento da proliferação das redes digitais e das resultantes desse campo sobre o jornalismo. É importante ter em mente que as

configurações trabalhadas aqui obedecem a lógicas diferentes e separadas por mais de um século. O que nos parece invariante, é que independentemente do período em voga, a configuração de práticas jornalísticas em redes, assimila características emanadas das próprias possibilidades dadas pelos dispositivos envolvidos.

No momento atual, o jornalismo na web busca, levando em conta o aspecto tecnológico, conciliar dinâmicas da rede com os seus próprios sistemas de obtenção, tratamento e circulação de conteúdos. Em paralelo, pode-se verificar empiricamente significativas variações entre modelos atuais e pregressos, criando sistemas crescentemente complexos. Percebem-se ainda, fenômenos anteriormente manifestados que podem, guardando as devidas ressalvas, estabelecer pontos de orientação para o conjunto de práticas que envolvem o jornalismo atual.

É certo que do século XIX para hoje, assistiu-se ao aperfeiçoamento das comunicações, em direta proporção com o crescimento da interdependência entre centros urbanos e das notícias que os envolvem. O jornalismo contemporâneo, também na web, sofre as exigências dessa pressão em estabelecer sistemas mais eficientes de circulação, de se auto-sustentar em modelos viáveis de financiamento e assimilar as características emanadas ainda em redes primitivas como o telégrafo.

Isto faz parte de perceber o processo dialético estabelecido entre tecnologias do passado e atuais destacando a trajetória que o acúmulo dessas práticas promove na consumação de procedimentos do que é fazer um jornal na atualidade. Direcionar abordagens na recuperação desse percurso requer, por vezes, um caminho nem sempre claro na definição de como ocorre esse remetimento. Todavia, fugir do isolamento da natureza dos problemas do jornalismo na web, como algo apresentado a partir da digitalização e das redes de dados, pode ser um caminho de recuperação de estados de prática estruturalmente semelhantes. Nesse sentido, os esforços serão abundantemente compensados.

6. Referências bibliográficas

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding New Media**. Cambridge: MIT Press, 2000.

BOYD-BARRETT, Oliver. **The international news agencies**. Beverly Hills: Sage Publications, 1980.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol 1: a sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ELLUL, J. **A técnica e o desafio do século**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

ERBOLATO, **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 2002.

FENBY, Jonathan. **The international news services**. Nova Iorque: Schocken Books, 1986.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. Aracaju: Editora da UFS, 2005.

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis: comprender los nuevos medios**. Buenos Aires: Ediciones Granica, 1998.

LEVY, Pierre. O inexistente impacto da tecnologia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 ago. 1997. caderno Mais.

LIVINGSTONE, Sonia; LIEVROUW, Leah. The Social Shaping and consequences of ICTs. In: **Handbook of New Media**. Londres: Sage Publications, 2003.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

_____. **Sistemas de circulação no ciberjornalismo**. In. Anais do IV Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo. SBPJOR. Porto Alegre, 2006. 1 CD ROM.

MIELNICKZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

PAVLIK, John. **Journalism and new media**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2001.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate**. 2002. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/doc/covilha_palacios.doc> Acesso em: 19 ago. 2003.

_____. **Comunicação e Novas Tecnologias no Pensamento Comunicacional Brasileiro**. Pré-Conferência AIERI 2004 – Seminário *O Pensamento Comunicacional Brasileiro: um panorama* – 25 de julho de 2004, Porto Alegre.

<
http://www.facom.ufba.br/jol/doc/2004_palacios_novastecnologiasbrasil_AIERI.doc
> Em. 18.dez.2006.

PARK, Robert E. The natural history of the newspaper. In **The city. Suggestions for investigations of human behavior in the urban environment**. London and Chicago. Chicago Universtity Press, 1984. 1a ed. 1925.

READ, Donald. **The power of news:** the history of Reuters. Oxford: Oxford University Press, 1992.

SAAD, BETH. **Estratégias para a mídia digital.** São Paulo: Senac, 2003.

SILVA JR, José Afonso. **Jornalismo 1.2: características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

_____. **Uma trajetória em redes: modelos e características operacionais das agências de notícias. Das origens às redes digitais: com estudo de caso de três agências de notícias.** Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

Notas

ⁱ Depoimento gravado de Mário Andrada, Editor-chefe da Reuters América Latina, concedido em 16 de maio de 2005.